



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA:
estratégias para o ensino da leitura e da escrita**

**Brasília – DF
2022**

Camila de Souza Andrade

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA:
estratégias para o ensino da leitura e da escrita**

Trabalho Final de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Paula Gomes de Oliveira.

Brasília – DF



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: estratégias para o ensino da leitura e da escrita

Camila de Souza Andrade¹

Paula Gomes de Oliveira²

Resumo: Diante do contexto de pandemia, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a importância da alfabetização e do letramento a partir das concepções de Magda Soares, e apresentar as estratégias e recursos didático-pedagógicas utilizadas por uma professora regente nos processos de alfabetização durante o exercício dos modos de ensino remotos, em razão da pandemia de COVID-19 e do fechamento das escolas, e da retomada do ensino presencial. Para sistematização desta pesquisa qualitativa, foram utilizados dados observados, durante o período de estágio supervisionado desta pesquisadora, ancorados em um estudo retrospectivo e da realização de entrevista semiestruturada, com a professora regente observada. Os resultados apontam que, na perspectiva da alfabetização e do letramento, foram bem sucedidas as estratégias e a organização do ambiente de aprendizagem formuladas por esta professora, dentro do contexto em que se inserem.

Palavras-chave: Alfabetização e letramento. Pandemia. Estratégias de ensino.

Abstract: In view of the pandemic context, this article aims to reflect on the importance of literacy, based on the conceptions of Magda Soares, and to present the didactic-pedagogical strategies used by a regent teacher in the literacy processes during the exercise of the of remote teaching, due to the COVID-19 pandemic and the closing of schools, and the resumption of face-to-face teaching. For the systematization of this qualitative research, observed data were used, during the supervised internship period of this researcher, anchored in a retrospective study and the execution of a semi-structured interview, with the observed regent teacher. The results indicate that, from the perspective of literacy, the strategies and organization of the learning environment formulated by this teacher were successful, within the context in which they are inserted.

Keywords: Literacy. Pandemic. Teaching strategies.

¹ Trabalho Final de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Paula Gomes de Oliveira.

² Universidade de Brasília – UnB | Faculdade de Educação

Introdução

Uma educação de qualidade é imprescindível para a construção de alicerces de processos iniciais de ensino-aprendizagem e da formação de cidadãos. É importante levantarmos reflexões sobre processos de ensino que visam a formação de pessoas capazes de interagir com o mundo e nele atuar, assim como, buscarmos formas de solução e melhoria das problemáticas que circundam a Educação no Brasil.

Partindo do pressuposto inicial em que alfabetizar é instruir com mecanismos que possibilitem a aquisição dos sistemas de escrita, projetados na apropriação da escrita alfabética e consciência fonológica. Enquanto o letramento, concilia a utilização desse sistema nos desenvolvimentos da leitura e da escrita, da comunicação, das ideias, dos pensamentos e da consciência crítica. Assim, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais nas quais os indivíduos estão inseridos, faz com que os alunos interpretem e compreendam melhor o sentido e a relação da escrita com o cotidiano.

Em 2020, o país foi drasticamente impactado com as inúmeras notícias sobre o crescente número de vítimas e afetados pela pandemia de coronavírus, o trabalho hospitalar e o caos nas estruturas de saúde, o fechamento das escolas e o reflexo na economia e no desemprego. Diante disso, é fundamental estudarmos e buscarmos compreender as medidas emergenciais e estratégias de ensino, para assim assegurar o direito à educação de qualidade para as crianças nas fases iniciais de escolarização, onde as práticas de alfabetização e letramento são duramente afetadas.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo apresentar as estratégias didático-pedagógicas utilizadas por uma professora regente com a sua turma, que no ano de 2021, cursava o 1º ano do Bloco Inicial de Alfabetização, BIA, em uma escola de Ensino fundamental, da rede pública de ensino do Distrito Federal.

O papel da alfabetização e do letramento na aprendizagem da leitura e da escrita

Para compreender o papel da alfabetização e do letramento na vida das pessoas, é fundamental fazermos um adendo sobre estes conceitos e suas principais diferenças, especificidades, para que não se confundam. Alfabetização e letramento são conceitos intrínsecos a escrita e a leitura, mas se diferem quanto a sua aprendizagem e utilização.

Para Magda Soares (2004, p. 16) a alfabetização deve ser “entendida como um processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico”. Ou seja, a alfabetização desenvolve o domínio da leitura e da escrita a partir do reconhecimento e sistematização de códigos, princípios alfabéticos e ortográficos da escrita.

Diante dos muitos pressupostos teóricos que circundam o campo da alfabetização e do letramento, concebemos o Letramento como a capacidade social de reconhecer os elementos da leitura e escrita, assim como de ler e escrever, dado a importância de que a aprendizagem da leitura e da escrita perpassa, o domínio de códigos linguísticos e, a sua utilização nas práticas sociais que as envolvem. Especificamente, segundo Soares, a “imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito” caracterizam contextos de letramento.(SOARES, 2004, p. 15).

No entanto, a autora alerta para que esses conceitos não se confundam, pois, mesmo sendo processos correlatos, que ocorrem simultaneamente, estes, possuem especificidades que exigem diferenciadas formas de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, faz-se necessário:

[...] o reconhecimento de que tanto a alfabetização quanto o letramento têm diferentes dimensões, ou facetas, a natureza de cada uma delas demanda uma metodologia diferente, de modo que a aprendizagem inicial da língua escrita exige múltiplas metodologias, algumas caracterizadas por ensino direto, explícito e sistemático – particularmente a alfabetização, em suas diferentes facetas – outras caracterizadas por ensino incidental, indireto e subordinado a possibilidades e motivações das crianças (SOARES, 2004, p. 16).

E assim, espero que sejam entendidos e trabalhados no processo de escolarização, considerados como processos *interdependentes* onde *a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento*, sendo necessária a aprendizagem do sistema convencional da escrita e de sua aplicabilidade social da leitura e da escrita. Já que letramento é entendido como a capacidade de reflexão, interpretação e compreensão do uso da língua escrita nas práticas sociais, sendo parte inicial da aprendizagem da leitura e da escrita e que permeia todas as fases de aprendizado. E sem deixar de lado o entendimento de que alfabetização e letramento são conceitos distintos enquanto a sua aprendizagem e as especificidades.

Tendo elucidado estes conceitos, torna-se mais fácil a compreensão da importância da alfabetização e do letramento, e ainda, nos proporciona uma reflexão sobre como e porque alfabetizamos, enquanto educadoras e educadores.

O domínio da língua escrita, bem como a leitura, no sentido de promover a interpretação e a participação no cotidiano social, funcionam como insersores de uma pessoa no mundo

letrado. Nesse sentido, alfabetizar é promover essas habilidades para o uso da leitura e da escrita na sociedade, refletindo em autonomia, liberdade e criticidade, num contexto letrado. Segundo Silva (2004):

A alfabetização é um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para o uso da leitura e da escrita nas sociedades em que isso se faça necessário. Ou seja, aprender a ler e escrever são inserir-se no uso da escrita e da leitura para o desfrute de uma maior liberdade nas sociedades que funcionam mediadas por materiais escritos (SILVA, 2004, p. 316).

As crianças, desde muito pequenas, convivem e se relacionam com os adultos por meio da linguagem, mesmo que ainda não a dominem. A partir dessas relações, os indivíduos são inseridos e vão, neste contexto, adquirindo práticas de letramento. Ao serem alfabetizados se integram dessas, e por meio dessas, relações passam a dominar os códigos da leitura e da escrita que durante toda vida serão utilizados. Podendo assim, participar e atuar na sociedade em que vivem.

Eis a importância de se alfabetizar em um contexto de letramento, que acolha e abarque as visões de mundo que foram adquiridas mesmo antes de se adentrar à escola, pois essas, são fundamentais para a formação de uma pessoa e se refletem na consciência do domínio letrado. É preciso que se alfabetize ensinando ao indivíduo códigos da leitura e da escrita, e que o alfabetizado, entenda a utilização que faz dos códigos da leitura e da escrita que domina. Pois, é esse o objetivo da escola, enquanto prática social, formar alunos-cidadãos críticos e pensantes.

Aprendizagem da leitura e escrita, o papel da escola e da família

Inicialmente, ao refletirmos sobre o processo de alfabetização, o trabalho pedagógico e o papel da família é necessário questionar para quê e por que alfabetizamos. Será que o processo envolve apenas o reconhecimento dos símbolos arbitrários ou alfabetizamos na perspectiva do letramento para a vida em sociedade e para o exercício da cidadania? Aliado a essas questões, é importante refletirmos sobre quem é o sujeito desta ação de apropriação da notação escrita. Qual seu contexto? Sua história? Qual o significado da leitura e da escrita para sua família e contexto social imediato? Por isso, a importância do(a) professor(a) alfabetizador conhecer a realidade de cada aluno, com o qual assumiu o compromisso ético de inseri-lo na aprendizagem da leitura e da escrita.

A aprendizagem da leitura e escrita se forma pela mediação do outro, pelo contato com a cultura de forma mediada. Quero destacar que é preciso criar um ambiente de interação, troca e ajuda mútua para que a criança aprenda e utilize os recursos da leitura e da escrita no seu cotidiano. Assim, é necessário que o trabalho docente esteja pautado na relação de confiança entre professor-aluno e sua família-conhecimento, pois a alfabetização demanda um processo intencional, planejado e colaborativo no qual toda a comunidade escolar e familiar participam.

Portanto, tal mediação só acontece de forma objetiva, quando a escola, professores e a família estão alinhados e ajudam a criança no processo de apropriação de habilidades e competências relacionadas a notação escrita. Ressaltamos, que a escola possui um papel intencional no ensino, a família é coadjuvante do processo. É importante evidenciar que, na medida em que a família chama a atenção da criança para o nome do supermercado, dos produtos que utilizam, do próprio endereço, convida para participar da preparação de uma massa de bolo, mostra o nome da empresa de ônibus o número da linha, enfim, mostra que o mundo da escrita e da leitura faz parte da vida, contribui com a escola na ampliação da percepção dos símbolos na sociedade. Tudo isso implica em um processo que traz à criança autonomia, para assim, vir a ler e escrever sem ajuda mais adiante. Essa relação é evidenciada pela LDB, na Lei 9.394, de 1996, em seu artigo 1º, onde expressa que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Dessa forma é fundamental que o aluno ao adentrar na escola, tenha sua bagagem formativa iniciada em ambiente familiar, seus conhecimentos prévios e sua trajetória de vida e seu contexto social, acolhidos e respeitados. Cabe ao profissional da educação conhecer quem é seu aluno e a partir desse conhecimento valorizar sua origem, suas experiências e ampliá-las a partir da cultura escolar. A escola deve, ao organizar o ensino da leitura e escrita se pautar em “[...] um processo sistemático e contínuo de diagnóstico e análise da realidade e de projeção de objetivos, metas, ações e recursos necessários à implementação do planejado” (SILVA, 2017, p. 27).

Assim como, é dever da família manter-se em comunhão com a escola, buscando acompanhar e subsidiar os processos de aprendizagem do aluno. É papel da família manter-se interessada pelo desenvolvimento da leitura e da escrita da criança. Incentivando e estimulando sua aprendizagem, além de contribuir para a construção de um ambiente propício para a criança

estudar e se integrar de conceitos por ela aprendidos. Pois, é neste ambiente que o aluno se apropria de conhecimentos letrados a partir do que vivencia diariamente em sociedade.

Organização do trabalho pedagógico e a pandemia

A doença conhecida como coronavírus, teve seus primeiros pacientes registrados a partir do final de 2019, mas rapidamente se espalhou para o mundo, demandando altos números de internações e cuidados hospitalares de médio a alto risco em um curto período de tempo e levando a morte muito rapidamente a maioria dos pacientes infectados. Por se tratar de uma doença respiratória, ocasionada pela alta propagação do vírus SARS-CoV-2 e por sua fatalidade, sintomas, complicações e um alto número de mortes em crescimento, o isolamento social e a quarentena foram algumas das medidas implementadas por todo o mundo para contenção da doença. Em março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu o surto da doença como pandemia. No Brasil, a doença começou a ser registrada em março de 2020. Com o crescimento do número de mortos, de internações e da crise no sistema hospitalar, também foram decretadas a quarentena, a suspensão e o fechamento de alguns serviços no país.

A pandemia de COVID-19 afetou drasticamente a vida de milhões de brasileiros e escancarou inúmeros problemas da nossa sociedade, evidenciando a desigualdade social. Com o fechamento das escolas, o ensino remoto emergencial e as questões pertinentes à saúde dos profissionais da educação e dos estudantes, a Educação foi uma área bastante impactada no âmbito dos municípios brasileiros, pela pandemia³. Atrelado a isso, a garantia do direito à educação é obviamente prejudicada.

O direito à educação, garantido pela Constituição que diz que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988), é afetado pela questão atual em que nossa sociedade é obrigada a alterar seu cotidiano em relação às necessidades mais expressas.

³ Conforme divulgação em meios de comunicação, mais informações em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/divulgados-dados-sobre-impacto-da-pandemia-na-educacao>
<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/criancas-de-6-10-anos-sao-mais-afetadas-pela-exclusao-escolar-na-pandemia>
<https://www.fadc.org.br/noticias/entenda-como-a-pandemia-impactou-a-educacao-no-brasil>

Assim, mediante a necessidade de fechamento das escolas, emergiram iniciativas do poder público que de forma paliativa instauram o ensino remoto emergencial, em todo o território nacional, medidas foram tomadas para organizar e gerir esse novo formato de ensino, que funcionou por meio da mediação de aulas assíncronas e remotas, videoaulas, pelos canais de televisão aberta, uso de meios eletrônicos e materiais elaborados pelas redes de ensino de forma macro e micro para levar o ensino aos estudantes. No entanto, as medidas tomadas se chocam com a difícil realidade de um enorme contingente de famílias brasileiras que não possuem acesso à internet em suas casas ou que possuem de forma inapropriada para o estudo, pela dificuldade enfrentada pelas famílias e por aqueles que não foram de fato atendidos pelas alternativas criadas pelo governo.

E não só isso compromete a qualidade da educação, como a ênfase dada a oferta de conteúdos de forma remota em todos os níveis do sistema educacional brasileiro não atende as necessidades das famílias empobrecidas e reforça ainda mais a desigualdade social que assola o país e que, portanto, não cumpre com a garantia do direito à educação. Nesse sentido, é dever das secretarias estaduais e municipais, com o suporte técnico e financeiro do governo federal, representado pelo Ministério da Educação, solucionar as enormes desigualdades e assegurar o direito constitucional de acesso à educação.

A atual situação das escolas públicas é alarmante. Estivemos diante de grandes problemas como: dificuldade ou impossibilidade de realizar atividades pedagógicas remotas, adoecimento docente, cumprimento da carga horária letiva, falta de vacina para profissionais da educação, que demorou a ser prioridade nos esquemas de vacinação de muitos estados, dificuldade na entrega de atividades impressas levadas a alunos que não possuem acesso a internet, qualidade do ensino remoto, dificuldade enfrentada pelos pais ao terem que ajudar seus filhos e os desdobramentos em que o professor está sujeito a enfrentar para manter a atenção dos estudantes. Entre outros, que se estendem mesmo após a retomada da presencialidade. Alguns desses problemas, no entanto, já vinham sendo enfrentados, e sofreram agravos no decorrer da pandemia associados ao direito e à realidade educacional.

Com as aulas da rede pública em ensino remoto, os gestores tiveram que lidar com várias novas demandas, como a ambientação e adaptação para o trabalho virtual, as dificuldades e desafios enfrentadas pelo uso de ferramentas tecnológicas pelo corpo docente, e também pela ausência dessas ferramentas tecnológicas e até de internet por parte dos alunos e de suas famílias. Os professores tiveram de repensar sua prática, tendo de se adaptar às novas tecnologias e buscar novos meios e ferramentas para conseguir atender aos objetivos dos planos de ensino e também atender aos interesses e necessidades dos alunos.

Planos, leis, notas e ações nortearam as novas práticas pedagógicas, em relação ao ensino remoto, em análise o Distrito Federal: No âmbito federal, foi editada a Medida Provisória no 934, de 1 de abril de 2020, que estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei no 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei N.º 9394/96, que dispõe em seu artigo 23 que a educação básica poderá organizar-se de forma diversa, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar e em seu artigo 32, § 4º que o ensino a distância pode ser utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais no ensino fundamental.

A Nota Técnica N.º 001/2020 – PROEDUC, de 2 de abril de 2020, que posiciona-se no sentido de que o Parecer n.º 33, de 24 de março de 2020, que autorizou o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação. Quanto às ações pedagógicas, foi publicada a Portaria no 129, de 29 de maio de 2020, que instituiu o Programa Escola em Casa DF, ferramenta criada pela Secretaria de Educação, que oferecia uma página de serviço online, tele aulas mediadas por um canal aberto de televisão e a distribuição de material impresso durante o ensino remoto mediado no Distrito Federal. A secretaria de educação do DF implementou guias para a gestão e organização do ensino remoto emergencial em decorrência da pandemia, que continham orientações para o trabalho pedagógico no ensino remoto, nas diferentes etapas do ensino básico, orientações pedagógicas referentes às atividades impressas, ações em rede em nível central, nas regionais de ensino e em por unidade escolar, e por último, orientações gerais a comunidade escolar (SEEDF, 2020).

Com alguns avanços em relação a baixa de casos e a vacinação, para um retorno seguro ao presencial, os gestores tiveram que repensar na readequação do calendário escolar, na possibilidade de um retorno gradual, e em vários outros protocolos de higiene e saúde. Novas exigências socioeducacionais surgiram, e foi preciso conviver também com antigos desafios. Para isso, é fundamental gerir uma proposta mais participativa, de maior proximidade com a comunidade escolar, pautada em princípios e valores éticos. Devendo estar ligada aos protocolos de saúde, com especial preocupação em relação à segurança dos estudantes e funcionários da escola.

Na rede pública de ensino do Distrito Federal, as atividades presenciais foram retomadas em agosto, com aulas divididas entre presenciais e remotas mediadas pelos professores. O ensino híbrido emergencial no DF, vigorou por quase um ano e meio, tendo fim após o Decreto n.º 42.656, de 26 de outubro de 2021, que instituiu o retorno 100% presencial para o dia 3 de

novembro de 2021, justificado pelo Governador Ibaneis Rocha, devido ao avanço da vacinação contra a COVID-19.

Já para o ano letivo de 2022, que teve início dia 14 de fevereiro, a Secretária de Educação do Distrito Federal adotou estratégias de capacitação dos professores e avaliações diagnósticas com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental até a Educação de Jovens e Adultos (EJA), entre outras ações tomadas a partir dos resultados de cada região.

Caminhos percorridos

Este estudo está ancorado numa perspectiva qualitativa. É um estudo descritivo e exploratório. Essa abordagem foi adotada em função da mesma nos colocar em contato intenso com o campo de pesquisa e com diversas fontes de informações que juntas, sistematizadas, ajudam a compreender melhor o objeto de estudo.

Assim, para a obtenção dos resultados desta pesquisa que é de ordem qualitativa, o trabalho teve por base a escola em que foi realizado estágio obrigatório, situada a 30km de distância do Plano Piloto, Distrito Federal. Essa escola foi referência para um estudo de caso utilizado para o alcance dos objetivos propostos aqui. Pois:

O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados (GIL, 2003, p. 54).

Esse recurso serviu para o mapeamento necessário ao entendimento das práticas pedagógicas realizadas durante o período da pandemia de COVID-19. Tal ferramenta de pesquisa foi adotada mediante estudo retrospectivo de observações feitas em campo de estágio obrigatório, no final do ano letivo de 2021. Período em que ainda estava em vigor o ensino híbrido na rede pública de ensino do Distrito Federal. Aliado aos dados decorrentes do período do estágio, também utilizamos da revisão da literatura, a observação, entrevista com a professora-regente, leitura e análise de documentos da escola como o Projeto Pedagógico da instituição participante. Os dados referentes à entrevista foram obtidos no primeiro semestre de 2022, visando complementar as observações e dados registrados no final do ano de 2021.

A observação foi utilizada nesta pesquisa para registro e sistematização de informações dos aspectos da realidade vivenciada, informações registradas no caderno de campo. Marconi e Lakatos (2003), explicam a funcionalidade desse método, ao mencionar que:

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social (MARCONI e LAKATOS, 2003, p.191).

Os dados apresentados nesta pesquisa que trazem informações acerca da estrutura física da escola, da sala de aula campo de estudo, bem como do desempenho dos alunos e de suas falas, foram obtidos a partir de Observação feita durante realização de estágio obrigatório, no período compreendido entre 09 de setembro de 2021 a 06 de novembro de 2021. Os resultados obtidos neste estudo retrospectivo e agora analisados, só foram sistematizados após a assinatura do Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório, conforme resolução 196/2012.

Além disso, realizou-se entrevista semiestruturada com a professora regente da turma observada, a fim de identificar os efeitos da pandemia no processo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita das crianças participantes da turma. Garantindo uma melhor abordagem sobre o tema e facilitando a reflexão e respostas, já que assim “o entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada” (MARCONI e LAKATOS, 2003) e o entrevistador tem a possibilidade de adaptar as perguntas conforme andamento da entrevista.

A entrevista foi realizada em dia e horário acertados previamente com a participante e mediante apresentação da justificativa e contribuição com a pesquisa seguida da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e sua expressa autorização para utilização dos dados. Portanto, toda a coleta de dados foi feita mediante autorização e consentimento dos participantes, os quais se disponibilizaram em contribuir com o presente estudo.

Quanto à revisão da literatura, realizamos uma reflexão a partir das importantes contribuições dadas por Magda Soares ao campo da Alfabetização e do Letramento para tecer algumas concepções sobre os processos de alfabetização e letramento na primeira infância, durante a pandemia. Para tanto, selecionamos as seguintes palavras-chave: pandemia, alfabetização, letramento, ambiente de aprendizagem.

O ambiente de aprendizagem

Durante o tempo de isolamento social em que as escolas estavam fechadas, estudantes e professores precisaram adaptar e organizar o ensino mediado em casa. Neste contexto, as aulas remotas, videochamadas, teleaulas e entre outros meios de ensino remoto, adentraram o cotidiano de muitas famílias, necessitando assim, maior ajuda, acompanhamento e amparo por parte dos pais e dos familiares, principalmente se tratando de crianças pequenas de anos iniciais de escolarização.

Como exemplo, a turma por mim acompanhada durante a pesquisa frequentava durante o ano de 2021 o primeiro ano do Bloco Inicial de Alfabetização, ensino fundamental, anos iniciais. Tendo alguns alunos frequentado a educação infantil no ano anterior, quando iniciou-se a pandemia e as restrições de distanciamento. Ou seja, para essas crianças e muitas outras, a fase inicial e os primeiros contatos com espaços escolares como ambientes de aprendizagem, estavam se iniciando ou estavam ainda em processo de adaptação.

Dessa forma, é muito importante que reconheçamos que para a educação ocorrer de forma escolarizada, os alunos precisam e fazem uso dos espaços de aprendizagem, e ainda, que esses espaços precisam ser acolhedores, familiarizados ao contexto pedagógico e a intencionalidade do ensino, facilitando os processos de ensino-aprendizagem.

Sobre o retorno presencial, a professora relatou a constante ansiedade que seus alunos demonstravam em ocupar esses espaços, em reconhecer os lugares de aprendizagem e se integrar neles. Para ela, esse foi um dos momentos mais importantes, quando viu que as crianças reconheciam a escola e seu espaço físico, como um espaço real:

[...] eles estavam muito ansiosos para o retorno e para ver se tudo aquilo que viam no vídeo, na tela, era de verdade, eles ficaram encantados com o jardim da escola, eles gostavam de ver que tudo era de verdade (PROFESSORA REGENTE, em entrevista).

E não à toa, quando cheguei à escola, em outubro de 2021, para iniciar meu percurso de estágio e observação, notei logo de início um ambiente bastante acolhedor, a escola e sua estrutura são bem preservados, há muitos canteiros e árvores, as paredes são coloridas e cheias de murais e desenhos.

Neste período, a escola estava recebendo somente metade dos estudantes devido ao modelo de ensino híbrido, em que os alunos eram divididos em dois grupos que ficavam em casa — realizando atividades dentro da plataforma, no caderno e nos livros indicados pela professora — e que iam à escola, alternadamente durante as semanas. Não havia intervalo e

recreação, apenas um tempo para o lanche, que ocorria alternado por turmas. Mesas e cadeiras foram dispostas no pátio da escola para entrada e alimentação das crianças, estas eram higienizadas a cada vez que utilizadas.

Por estar situada geograficamente ao sul do Distrito Federal, atende muitos alunos oriundos do entorno e divisa com o Goiás e, em sua maioria, famílias de baixa renda e/ou participantes de programas sociais governamentais. Possuindo 19 salas de aula, o espaço físico da escola está dividido em três blocos, além de salas de reforço, de recursos e de leitura, direção e coordenação, salas dos professores e servidores, um parque infantil e uma quadra de esportes. A sala de aula em que realizei as fases de observação e regência, contava com recursos digitais, como um Datashow e uma televisão. 14 mesas, dispostas em formato de 'U', e com faixas indicando o bloqueio alternado por conta do distanciamento previsto como medida de segurança no combate ao coronavírus. Na frente da sala, estava a mesa da professora, um quadro branco no centro da parede, e em volta dele um alfabeto ilustrado e números de 1 a 10. E também, um cantinho com livros literais, em prateleiras na parede. Havia ainda, três armários com materiais e um quadro no fundo da sala, utilizado como mural, ventiladores e uma lixeira.

Quero mencionar, que um ambiente de aprendizagem deve, em seu contexto e independente de seus recursos, promover aos estudantes dentro de um espaço alfabetizador, autonomia, interação e diálogo na construção de conhecimentos. Assim, a sala de aula é vista como um ambiente acolhedor, onde grande parte das interações escolares acontecem. Nela, o processo de aprendizagem é mediado e carregado de intencionalidade por explicitar elementos e informações sobre o que está sendo estudado, a partir de textos e desenhos afixados nas paredes, suas produções, jogos, e livros ao alcance das mãos. Estes elementos contribuem para a valorização do ambiente de aprendizagem e construção de relações de pertencimento a ele.

Perspectivas de uma professora regente sobre o ensino em tempos de pandemia

A professora entrevistada tem 42 anos, trabalha na secretaria de educação do DF desde 2012, mas atua na docência desde 2002, tendo passado pela coordenação pedagógica por dois anos dentro desse tempo. Desde que passou a integrar a secretaria, trabalha no Bloco Inicial de Alfabetização (BIA). É graduada em pedagogia e tem uma especialização em psicopedagogia, ambas realizadas em instituições privadas. Relata um marco significativo em sua experiência como professora regente, quando pela primeira vez lecionou em uma turma de alfabetização, em 2008.

A primeira turma que eu peguei como alfabetizadora, — eu comecei de trás para frente, comecei a lecionar para anos finais e ensino médio, depois para 4º e 5º ano, só em 2008 que eu tive a minha primeira turma de alfabetização. — quando eu comecei a alfabetizar, foi quando eu realmente entendi o que era uma escola, [...] fui ter mais noção do que era de fato alfabetizar, o que era de fato você ter um maior contato com as famílias, como lidar com uma criança pequena, de 6/7/8 anos. Então assim, era uma linguagem totalmente nova, e aí foi quando eu tive uma ajuda muito grande de uma colega de trabalho, que tinha uma grande experiência e foi quem me deu a mão ali, e foi quando de fato eu aprendi mesmo, consegui entender todas aquelas teorias que eu aprendi na faculdade, só em 2008 que eu fui compreender melhor esse processo (PROFESSORA REGENTE, em entrevista).

Sobre a pandemia, a professora regente relata um grande abandono por parte da secretaria de educação, enquanto ao repasse de informações e formação para o preparo do retorno letivo com o início do ensino remoto. Ela conta que quando foi tomada a decisão de retorno das aulas, após a suspensão e fechamento das escolas em decorrência da pandemia, poucas informações acerca do trabalho e do ensino remoto foram passadas aos professores.

A gente fez em uma só semana três cursos, tivemos *lives* de manhã, tarde e à noite. [...] o que eu aprendi, aprendi com outros colegas e ajudando os que não tinham experiência com o uso da internet (PROFESSORA REGENTE, em entrevista).

Sobre a relação com os responsáveis e com a família, a professora conta que utilizava um grupo de mensagens, além do mural na própria plataforma, para ter contato com os pais dos estudantes. Periodicamente, realizava reuniões para explicar e dar parecer sobre o ensino, e ter devolutiva, de modo que eles pudessem entender, com linguagem mais clara. Isso porque, havia certa cobrança em relação aos meios de ensino, que fugiam um pouco do viés tradicional. Mesmo assim, ela conta que os pais se esforçaram bastante, dentro das suas limitações e tinham com ela uma boa relação de comunicação, e isso se estendeu por todo o ano letivo.

Com o ensino acontecendo em casa, durante o modelo remoto, a atuação da família passou a ser ainda mais importante, já que as aulas eram mediadas com o uso da tecnologia. Para acessar a plataforma de ensino em casa, a sala virtual de aprendizagem, conferir o material disponibilizado pela professora e fazer as postagens e devolutivas das atividades, os pais e responsáveis tinham que estar sempre ajudando e acompanhando as crianças bem de perto. Dessa forma, as famílias tiveram um contato bem mais expressivo com o processo de alfabetização das crianças.

Recursos e estratégias utilizadas

Apesar da dificuldade inicial que os professores enfrentaram com o ensino remoto em 2020, ela conta que no ano seguinte as coisas estavam um pouco mais tranquilas e a escola já mantinha uma rotina mais organizada de aulas remotas.

Nesta turma, inicialmente estavam matriculados 11 alunos, desses, sete assistiam às aulas remotas utilizando o celular de um dos familiares, e apenas três alunos possuíam computador ou tablet em casa. Além disso, uma das alunas dessa turma não acompanhou as aulas remotas e por isso utilizou o material impresso. As aulas aconteciam ao vivo, três vezes por semana na plataforma *Google Classroom*, no início da tarde. Posteriormente, após o retorno presencial, mais 4 alunos foram transferidos e/ou matriculados nesta turma e uma criança saiu.

Em relação a alfabetização, eu não achei que eu fosse ter proveito nenhum, porque para mim, o contato é essencial, ali perto da criança, até o próprio manuseio do do caderno, principalmente no primeiro ano. Só que eu percebi que os meus alunos tiveram um aproveitamento bom, assim, acima do que eu esperava para esse contexto (PROFESSORA REGENTE, em entrevista).

Para ela, isso se justifica devido à rotina que estabeleceu com seus alunos, e às estratégias pedagógicas utilizadas por ela, para que suas aulas estivessem parecidas com a forma que são ambientadas em sala de aula, isso na tentativa de adaptar o ambiente de aprendizagem, para o favorecimento, mesmo que em meio às dificuldades, dos processos de ensino aprendizagem da leitura e da escrita. Isso porque um ambiente de aprendizagem é o lugar que a criança frequenta e participa grande parte de sua vida, e com isso torna-se mais sensível ao observar as mais diversas situações e aprende a refletir de forma mais ampla, dando sentido às inúmeras informações que tem aproximação.

Assim, ela conta que utilizava de recursos como o *Powerpoint* para montar suas aulas e a apresentação de tela, colocando sempre como fundo uma folha de caderno, e trabalhando com os alunos a sua utilização e noções de escrita. Reproduzia e repassava vídeos e recursos audiovisuais para exemplificar alguns conteúdos. No início do ano, ela preparou fichas individuais com os nomes dos estudantes, alfabetos móveis, fichas silábicas, alfabeto com os sons e distribuiu para cada aluno junto com os livros didáticos, que as famílias buscaram na escola e levaram para casa, e com eles ela preparava as aulas e avisava sempre o que iria utilizar, para que os alunos e os pais se organizassem.

Com a retomada do ensino presencial, ela conta que apenas precisou fazer adaptações e continuou utilizando esses mesmos materiais e recursos em suas aulas, e aos poucos os alunos

foram se acostumando e progredindo. Um dos materiais mais utilizados, quase que diariamente, foi o alfabeto móvel. Além disso, ela diz que precisou rever alguns conteúdos, mas que no geral os alunos se apropriaram bem dos conhecimentos passados. Só depois de voltar à escola, é que pode fazer com cada aluno o teste da psicogênese da escrita, e assim abordar de forma mais específica algumas dificuldades e defasagens. Os alunos que não estavam nessa mesma escola no início do ano e que não acompanharam as aulas remotas, estavam um pouco mais atrasados, do que os que acompanhavam, segundo ela.

Quando estive em contato com esta turma, observei alguns aspectos de interação entre os alunos, eles sempre demonstravam felicidade por estarem juntos, como eram de dois grupos separados perguntavam com frequência sobre os colegas do grupo distinto, reconheciam suas atividades afixadas nos murais da sala e sempre lembravam-se dos momentos de convívio do ensino remoto.

Uma das atividades observadas envolvia livros infantis e consistia em levar um livro para casa, e fazer a leitura com a família. O objetivo era aparentemente apenas esse, não havia outra atividade didática a ser feita, mas este ato resultava em estimular o interesse das crianças pela leitura. Em sala, a professora fez com os alunos uma roda de conversa para falarem da experiência, perguntando aos alunos sobre o interesse em folhear os livros, observar as figuras e as palavras, do que se tratavam as histórias, como a família havia lhes contado. A roda de conversa é bastante utilizada durante as aulas, para abordar novos temas, em contação de histórias e como espaço para os alunos se expressarem e compartilharem.

Outro ponto importante a se destacar é sobre a forma como a professora utiliza e aborda algumas das inferências cotidianas que as crianças trazem, buscando sempre novas formas de trabalhar e explorá-los seja em projetos ou em atividades diárias, como exemplo, quando estive com a turma observada, às crianças me contaram sobre um projeto que tinha como tema o cerrado, ou sobre um dia em que um casulo apareceu na sala de aula e com ele a professora fez mais um projeto de observação, estudo e produção textual, a pedido das crianças.

Sempre durante a aula as crianças contavam histórias e coisas aleatórias que aconteciam com elas ou algum familiar. A professora sempre buscava ouvir e acolher essas histórias. Cada aluno faz as coisas no seu tempo, a professora intervém só depois de algum tempo e se alguém não tiver terminado, as crianças também ficam livres para fazerem as atividades no chão dependendo do que estão fazendo. Por exemplo, enquanto as crianças esperavam sua vez de ir ou que já tinham ido mostrar o caderno na mesa da professora, brincavam e pegavam livros para folhear e ler, na estante que tem na sala. Estão sempre explorando e interagindo com os itens que ficam expostos na sala de aula. E mesmo assim, se mostraram muito bem habituadas

com a rotina e com os afazeres letivos, o que demonstra a organização e o acolhimento que a professora tem com a turma.

Considerações finais

Concluindo, com este artigo, que teve por objetivo apresentar as estratégias e os recursos pedagógicos utilizados por uma professora regente, durante o período de pandemia da COVID, em uma turma de 1º ano do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA), retorno a destacar o papel da escola e da família nos processos de ensino e aprendizagem da língua escrita, devendo sempre ser de amparo e acolhimento no desenvolvimento dos alunos.

Acredito, que os resultados obtidos ao final do ano letivo de 2021, relatados pela professora regente, foram alcançados por um conjunto de fatores, mas principalmente, pela condução e organização de um ambiente de aprendizagem acolhedor das dificuldades e do contexto educacional de cada criança, e por propiciar aos estudantes autonomia e interação com o conhecimento. Outro fator, também bastante decisivo foi a atuação da família, de forma participativa e complementar com a atuação da professora e da escola.

É muito importante também, que reconheçamos que a educação seja propícia para a formação de alunos-cidadãos e isso, se fundamenta nos processos de alfabetização simultâneos ao letramento, iniciando as crianças no mundo letrado e do pensamento crítico refletido na função social do ensino da leitura e da escrita.

No mais, percebi que as crianças gostam e se integram a esse processo de aprendizagem, se sentem felizes ao desprender a leitura de novas palavras. Os livros são bastante chamativos para elas e estão sempre querendo ouvir as histórias.

As estratégias e os recursos utilizados pela professora em montar formatos de aulas interativas e lúdicas, funcionaram bem dentro deste contexto, pois assim conseguiu estabelecer uma rotina de ensino-aprendizagem com as crianças. Foram utilizados para adaptação e manutenção da rotina, recursos de multimídia, orientação e organização do uso do caderno, fazendo diariamente o registro da data, do tempo, das observações feitas em cada dia, do uso do calendário, do alfabeto móvel e de fichas, além de uma rotina de contação de histórias, leitura e estudo do alfabeto, produção escrita e acompanhamento e atividades de projetos.

A forma de atuar da professora ajuda bastante, durante as observações feitas em meu período de estágio, realizado após a volta presencial das aulas, pude perceber que ela gosta do que faz e agrega sempre muita ludicidade e significado ao processo de ensino para os alunos.

Eles me mostraram vários projetos que fizeram e como as crianças gostaram e tiveram apreço pelo o que aprenderam. A brincadeira livre é bastante presente durante as aulas, os alunos estão sempre andando pela sala, observam e interagem com as palavras e letras espalhadas pelas paredes, conversam e se ajudam a todo tempo no processo de leitura. E foi isso que observei ao ministrar uma aula, eles aprendem brincando e brincam dentro do contexto que estão aprendendo.

A partir da narrativa da professora e das aulas observadas, é possível aferir que diante do contexto atípico como o de uma pandemia, as noções de ensino-aprendizagem dos conceitos letrados não devem ser postos de lado. É necessário buscarmos formas de adequar o ensino a partir das teorias de educação, alfabetização e letramento a fim de garantir a aprendizagem dos estudantes, fazendo com que a realidade seja entendida e transformada. Apesar dos bons resultados obtidos e aqui sistematizados, os processos de ensino-aprendizagem durante este período de pandemia, foram duramente enfrentados em todo o país, com muitas dificuldades e prejuízos para o campo da Educação.

Por fim, gostaria de destacar que o ambiente escolar está repleto de singularidades e faces que nem sempre a teoria estudada na academia contempla o saber. Mas, é em campo que ela se faz presente e assim reconhecemos o seu alinhamento com a prática e o fazer docente. Reforço mais uma vez que os alunos aprendem brincando, e o professor aprende junto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de Dezembro de 1996. 17 ed.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Técnicas de pesquisa. Planejamento, execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. Editora Atlas: São Paulo, 2008.

_____. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Gestão estratégica para realização das atividades pedagógicas não presenciais na rede pública de ensino do distrito federal**. Brasília, 2020.

_____. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Guia anos iniciais. Orientações para atividades de ensino remoto**. Brasília, 2020.

SILVA, Edileuza Fernandes da. O planejamento no contexto escolar: pela qualificação do trabalho docente e discente. In VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas (org.). **Avaliação: Interações com o trabalho pedagógico**. 1ª edição - Campinas, São Paulo: Papirus, 2017.

SILVA, José Barbosa da. (Org.). **Retratos na parede**: saberes docentes em educação de jovens e adultos: teatro, cinema, poesia, música, jornais. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura/Textoarte, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de educação. Rio de Janeiro, 2004.